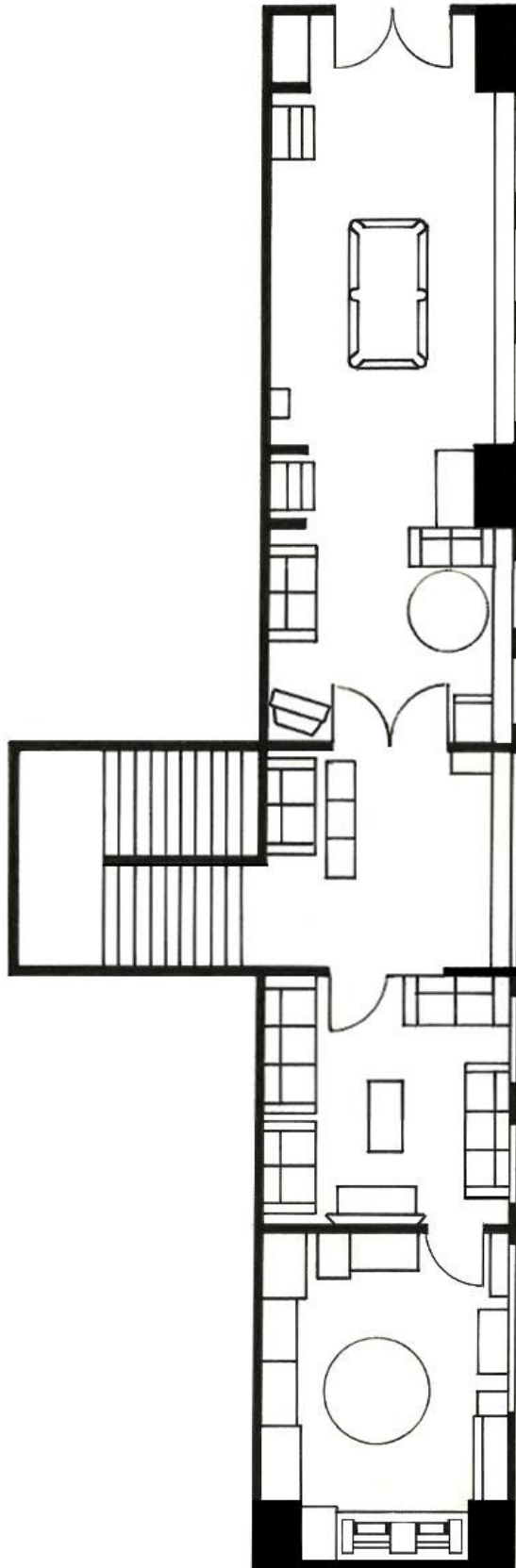


P N T de Vista

Jornal do Centro Acadêmico Bernardo Sayão - CABS



C

A

B

S

NOSSO PONTO

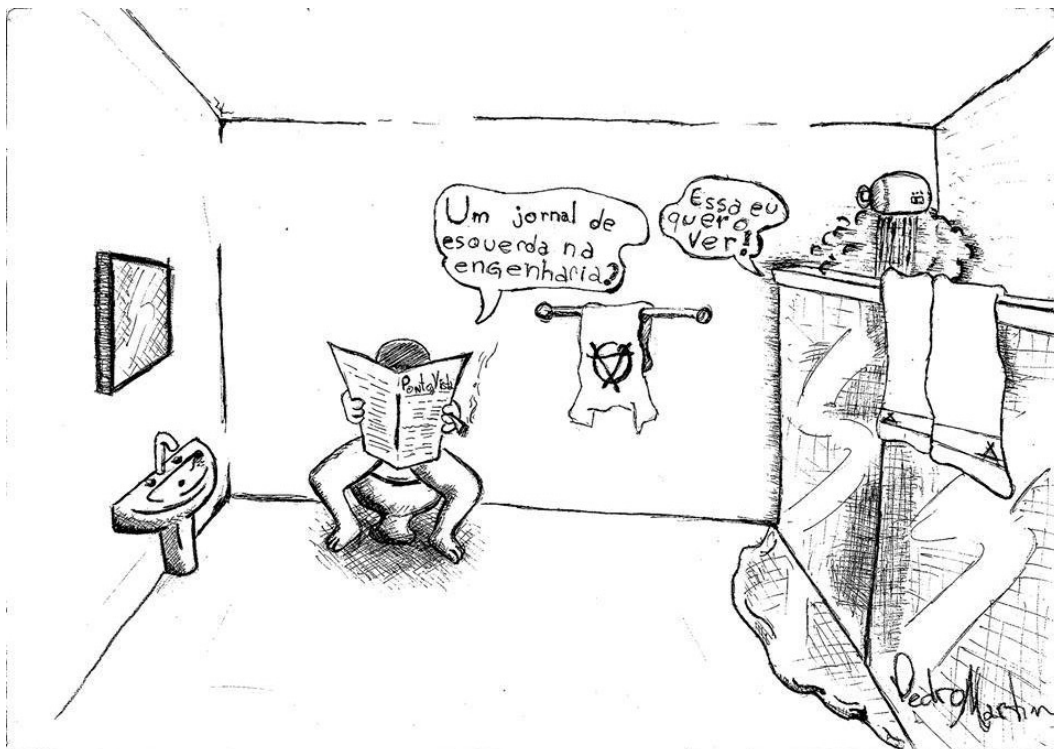
Sobre o Relançamento

Ressurge aqui o Jornal Ponto de Vista. Não o ponto de vista das quase vinte pessoas que estão reconstruindo esse antigo espaço de opinião e informação, mas o nosso Ponto de Vista! Exatamente: inclui você, o leitor.

Desde sua criação, o Ponto de Vista (PV) é concebido como o ambiente para o aluno (não somente de Engenharia Elétrica) expor a sua opinião. O esqueleto, antes fossilizado, de nosso jornal vai muito além de, como precisamente colocou uma colaboradora, um amontoado de notícias sobre Engenharia para engenheiros. Realmente, vez ou outra, falar sobre notícias e fatos de cunho científico não fará mal. Mas, é esse o nosso enfoque? Nunca foi e jamais será! Buscamos o aprofundamento, a discussão, a exposição, a crítica sobre vários temas, entre tantos objetivos que também aspiramos.

Porém, essas aspirações, formalizadas na frente de seus olhos, seriam inatingíveis e se tornarão inalcançáveis sem a sua ajuda, leitor do PV. Afinal, esta publicação, que, de fato, contém opinião, não representa somente duas dezenas de estudantes, ela nos representa. Sendo assim, o jornal precisa da sua colaboração, não importa a forma que ela tomará. Estamos abertos à sua criatividade, aos seus anseios e – que seja feito o trocadilho – ao seu ponto de vista.

Do ponto de vista de alguns, somos tolos tentando, novamente, reativar este espaço de ideias. Mas, muito mais que tolos, somos teimosos. Aqui estamos, em hodierna cruzada, reabrindo o seu meio de expressão. O Ponto de Vista ressurgiu e acreditamos, verdadeiramente, que o nosso jornal não será, mais uma vez, largado às traças.



Cabra Macho

Aprendi que os tipos sociais devem ser divididos entre caixas separadamente dispostas, de modo que uma característica que esteja em uma caixa não possa ser transferida para outra. Ou entraríamos em colapso, a sociedade sucumbiria ao caos, não conseguiríamos lidar com tanta confusão.

Eis como o passado me ensinou o jeito que um homem deve ser. Mas só aqueles que nascem com um falo.

Homem que é homem tem que gostar de mulher. E, principalmente, deve mostrar que gosta de mulher. De todas as formas possíveis: se ela estiver nas redes sociais ou na mídia ou passando na rua e for gostosa, precisam saber que ele acha isso. Ah, de preferência, na frente dos amigos. Eles tem que saber da sua heterossexualidade. O homem também é fadado a consumir pornografia. É para isso que as bancas de revista estão repletas de exemplares expostos para o público masculino, para que os homens entrem sem vergonha e exponham o quão heterossexuais são. Caso contrário, ele é um viado, um ser indefinido, que transita entre o masculino e o feminino. Não precisa nem agir como mulher, basta não gostar de mulher que ele já deixa de ser homem. Ou melhor, basta apenas não mostrar 24h/dia que gosta. Qualquer dúvida acerca da sua sexualidade ou do seu gênero é uma ofensa, motivo de piada. Já ia esquecendo: inventar espalhar a quantidade de minas que ele pegou ou está pegando é obrigatório. Não deve perder a oportunidade da conversa com os amigos para contar suas histórias sexuais inventadas. Só assim o homem ganha o respeito deles.

Homem que é homem não conhece limpeza. Afinal, mamãe ensinou que isso a futura esposa dele fará pela família inteira, assim como mamãe fez para papai. Não tem necessidade de tomar banho com certa frequência. Limpar a casa? Está proibido. Porque depois de mamãe obrigatoriamente virá a esposa para realizar essa atividade. Ele sempre terá alguém para limpar por ele. Quanto à organização, essa é geneticamente restrita ao sexo feminino. Só quem tem os dois cromossomos X pode ser organizada. O cromossomo Y contem o gene da bagunça.

Homem que é homem ama futebol, ou qualquer outro esporte. Mas se for brasileiro, tem que amar o futebol. Porque o esporte é agressivo, competitivo, é coisa de macho. E, claro, só homem entende disso. Com o esporte, o homem mostra que é forte, que tem músculos e toda resistência do mundo. Desistir é coisa de mulherzinha, desse sexo frágil. E o homem não pode ser fraco em hipótese alguma. Não pode chorar, não pode dizer que ama o amigo, não pode se apaixonar, muito menos ser sensível. Deve engolir o choro, como já diziam mamãe e papai para seu filhão desde pequeno. Por conta de tanta força restrita ao sexo masculino vemos que as profissões de risco – policial, bombeiro, mineiro – são coisas de homem. Entra, então, a necessidade do homem ser violento. Assistir filmes com o máximo de sangue; consumir jogos de videogame violentos; acompanhar UFC e derivados; brigar e ganhar brigas sempre que possível – em casa, na balada, em qualquer festa – e ser forçado a ir para a guerra são apenas alguns dos pré-requisitos para ser necessário estimular a violência masculina.

Só assim conseguiremos manter os presídios masculinos lotados: dizendo para os homens que seu comportamento deve ser violento e incontrolável.

Homem que é homem bebe até cair. Porque beber é coisa de macho. É por isso que ele deve pagar mais caro em qualquer festa open bar. Afinal, é isto que as marcas de cerveja querem com seus comerciais: mostrar que se um homem bebe, ele terá uma mulher gostosa do seu lado. Não bebendo como ele, claro, apenas servindo de brinde. Ela surgirá magicamente com a bebida. E sabe o que não pode faltar para acompanhar a cerveja? Aaaah, o churrasco. Porque ser vegetariano é coisa de boiola. O homem deve consumir carne, ou então não é homem.

Homem que é homem não cuida da saúde. Ter um dedo enfiado no seu ânus para prevenir câncer de próstata é uma total afronta à sua sexualidade. E eu já disse que a sexualidade masculina não pode ser questionada, ou é motivo de humilhação. Completamente ofensivo! ~~Mas passar a mão em uma mulher sem seu consentimento está "permitido"~~. Morrer, sofrer e desgastar a família com o câncer é bem melhor! A honra dele deve ser mantida intacta.

Sabe o que o passado se esqueceu de me ensinar? As possibilidades são muitas para nós - homens, mulheres e não-binários - vivermos encaixotados.

Por Fernanda Caldas



fascinating new thing

“muitos castelos já caíram e você tá na mira”. também morre quem atira, também morre quem atira. pow.pow. to esperando chegar o dia em que todo esse meu conhecimento de humanidade vai ser posto em pratica. quero ver alguém que realmente entenda que “também morre quem atira”. quero ver alguém entender que quando o bicho pega que é o momento de dar a porra da sua mão pra pessoa do lado. que é a hora de segurar a porra da mão daquela pessoa que te odeia.bum. bum. “hey joe, assim você não curte o brilho intenso da manha”. to querendo que se entenda que não é nada disso que importa. parar de perder o tempo com merda. dar o click final. parar de focar com coisa inútil. inútil. tudo isso só é inútil. e não consegue sentir a porra de um sentimento de verdade. nao consegue sentir um abraço ou um cheiro. vai tomar no cu. VAI TOMAR NO CU. porra. galera empaca em coisa tao idiota. meu velho, tudo que eu quero é ver esse mundo todo pular junto. foda-se. foda-se esses problemas. foda-se meus problemas. vem dançar a porra da musica comigo caralho. me dá a porra da sua mão e larga esses medinhos imbecis. larga essas preocupaçõezinhas e ME DÁ A MÃO. pow. pow. pow. me da um abraço, me agradece. vai dançar, vai chorar em agradecimento. vai agradecer a porra do mundo em que você vive. nossa, tudo que eu quero nesse mundo é que você agradeça junto comigo. só agradece. sério. por favor. solta essa arma e vem comigo.

larga esse preconceito. larga essa sua esperteza. esquece essa porra. vem curtir o brilho das coisas comigo. vem dar um beijo no teu irmão. caralho você não consegue ver que você não ta sozinho. você não consegue sair do lugar. você fica ai chorando. velho. para de chorar. pow.pow.pow.pow.pow. para de ficar ai se escondendo. sai dessa autopiedade. vem pegar seu lugar no mundo cacete. vem agradecer porra. vem com seus irmãos. irmãos, venham com ele. para de se achar um cú. para de se revoltar cacete. para de achar que você tem solução pra tudo também. la la la. eu quero ver você dançar. dança ai preu ver. eu só quero que você dance, que você dance, que você dance. eu quero que quando você parar de dançar, você abra a porra de um sorriso e que você chore de prazer. eu quero que você olhe pra ele e que você se arrependa de tudo. eu quero que você se sinta completo. eu quero que você entenda que tudo que você tem pra fazer pros outros é chamar eles pra dançar a porra da musica. nada mais. pega a porra da mão e traz, arrasta. não convence não. arrasta. pow.pow.pow.pow. você entendeu que também morre quem atira? que na porra do universo nada se cria e nada se perde? voce é uma porra de uma estrela nessa porra desse universo entao vai brilhar cacete. voce é uma estrela caralho. vai ser feliz porra. pow, pow, pow, pow.

Por PORCOBRASILEIRO



Death Metal Angola

Deparei-me com o documentário "Death Metal Angola" num festival de documentários sobre música em São Paulo e me surpreendi de diversas formas. O primeiro choque foi decadência da periferia mais externa do sistema capitalista, o mais clichê em docs sobre a África. A miséria, o estado de inercia total e a subexistência de milhões. Claro que isso tudo já faz parte do senso comum mundial, mas o documentário expõem cenas inimagináveis. Por exemplo, tantos eram os corpos espalhados por todos os cantos que há muito já não eram carregados para valas comuns. Apodreciam. Serviam de alimentos aos cães e gatos, além de serem criadouro todo e qualquer tipo agente contaminador. As doenças matavam tanto quanto a guerra.

Contrastando com isso aparecem nossos personagens principais, Sonia Ferreira e Wilker Flores, que sobreviveram a guerra e procuram meios de recomeçar a vida. Eles mantêm o orfanato Okutiuka com recursos escassos e orfãos de sobra deixados por longos anos de guerras. Ela educa as crianças e faz o orfanato funcionando da melhor maneira possível. Wilker montou uma banda de Death Metal, além de ensinar os meninos do orfanato a tocar guitarra. Dedicando-se ao máximo, eles criam as crianças e alimentam o sonho de criar o primeiro festival de rock nacional de Angola.

No segundo plano ficam as bandas de death metal do país. Nesse momento outro choque, pois mostra a incrível e inerente necessidade de comunicação e por para fora os demônios que carregamos, não importa sua situação.

Logo aos primeiros sintomas de paz todos aqueles que vivem de incertezas colocaram seus instrumentos para trabalhar, apesar dos pesares. E mesmo sem a menor condição de vida e com o quase desaparecimento da música nacional surgiram diversos grupos musicais. O death metal foi um dos estilos que cresceu consideravelmente nesse momento. A forma como ele se encaixa perfeitamente nessa vida forçadamente extrema é notável. A dissonância, o gutural, enfim, a agressividade desse estilo quase que não precisa de palavras para verbalizar o dia-a-dia e a história dessas pessoas. A música e, sobretudo nesse cenário, o death metal põe para fora tudo que precisa ser posto e alimenta a alma. Fala o que todos sentem e que está entalado na garganta após décadas de uma guerra civil insustentável.

E o climáx vem com a realização do festival. A união das bandas se fez à revelia e descrença do poder público que pouco, ou nada, fez pela realização dos shows. Contudo, o público lotou as ruas de Huambo para curtir a música que veio de todos os cantos e se reuniu numa praça entre os escombros da vizinhança. Essa conquista representa, sobre tudo, a construção (ou reconstrução) do cenário musical de um país que viveu tempo demais somente sob o barulho das minas e das metralhadoras, dia e noite.

Para terminar digo para o leitor marcar esse filme na wishlist. Garanto arrepios impressionados, durante todo filme, com a capacidade da arte de aliviar as dores e transformar os ambientes.

Por Pedro Martins

Battlestar Galactica

Começamos com o maior dos clichês em filmes futurista: o Homem criou a máquina sua imagem e semelhança. Ela se revoltou, exatamente do mesmo jeito em que ocorre em Blade Runner, Eu Robô e muitos outros. Entre a revolta inicial e o início da série há o espaço de 40 anos de armistício.

Outro ponto de partida é os homens vivem em treze colônias, essas são planetas (alguma semelhança com a história norte americana?). Dessas treze colônias doze são relativamente próximas umas as outras e vivem num sistema democrático único, a décima terceira é uma colônia lendária, a Terra.

Pronto, jogado todos os clichês Geeks em uma só série vamos ver como ela se desenrola.

A primeira parte dá-se pela destruição total das doze colônias, de onde uma frota com aproximadamente cinquenta mil refugiados conseguem fugir.

Essa frota é liderada pela Battlestar Galactica, uma nave de guerra capenga. A única preocupação inicial é matar as 'torradeiras' que perseguem a Galactica. Logo depois, nos episódios iniciais, surge outro problema grave: os robôs que se revoltaram conseguiram de alguma forma se aperfeiçoar e agora haviam 'bio-máquinas' idênticas a um ser humano e eles estavam na frota. Agora que temos o cenário caótico os personagens começam a se desenvolver e o cenário interno da frota começa a ganhar profundidade. Tentativas de organização política, traições, invasões, escassez de suprimentos montam a cama para criação de personagens com uma profundidade psicológica bem interessante e conflitante, e isso não é exclusivo das personagens humanas.

Depois de se viciar na série você troca de lado diversas vezes, não para de ser surpreendido pelos infinitos plot twists até o final, que não vou revelar por motivos óbvios.

Por Fernandes Martins

Incomunicável

Vou produzir uma obra
a mais magnífica obra
que ninguém vai entender

Fundirei no mais puro bronze
um grande, altivo Belerofonte
mas ninguém vai entender

Pintarei magníficas telas
cantarei as canções mais belas
apesar de ninguém entender

Tentarei toda sorte de gênero
do baixo ao alto, além do ameno
pena que ninguém vai entender

Cansado, com fome, aflito
lançarei mão de um único grito
"Alguém vai entender?"

No final, acabará o problema
eu farei meu próprio poema
para ninguém mais entender.

por Gabriel Lazzari

Atenção galera! Agora que relançamos o PV, vamos precisar de mais textos para dar continuidade ao Jornal. Para mandar um texto, basta enviar um e-mail para pvjornal.cabs@gmail.com ou falar com alguém da diretoria de nosso querido Centro Acadêmico. Mãos à obra!